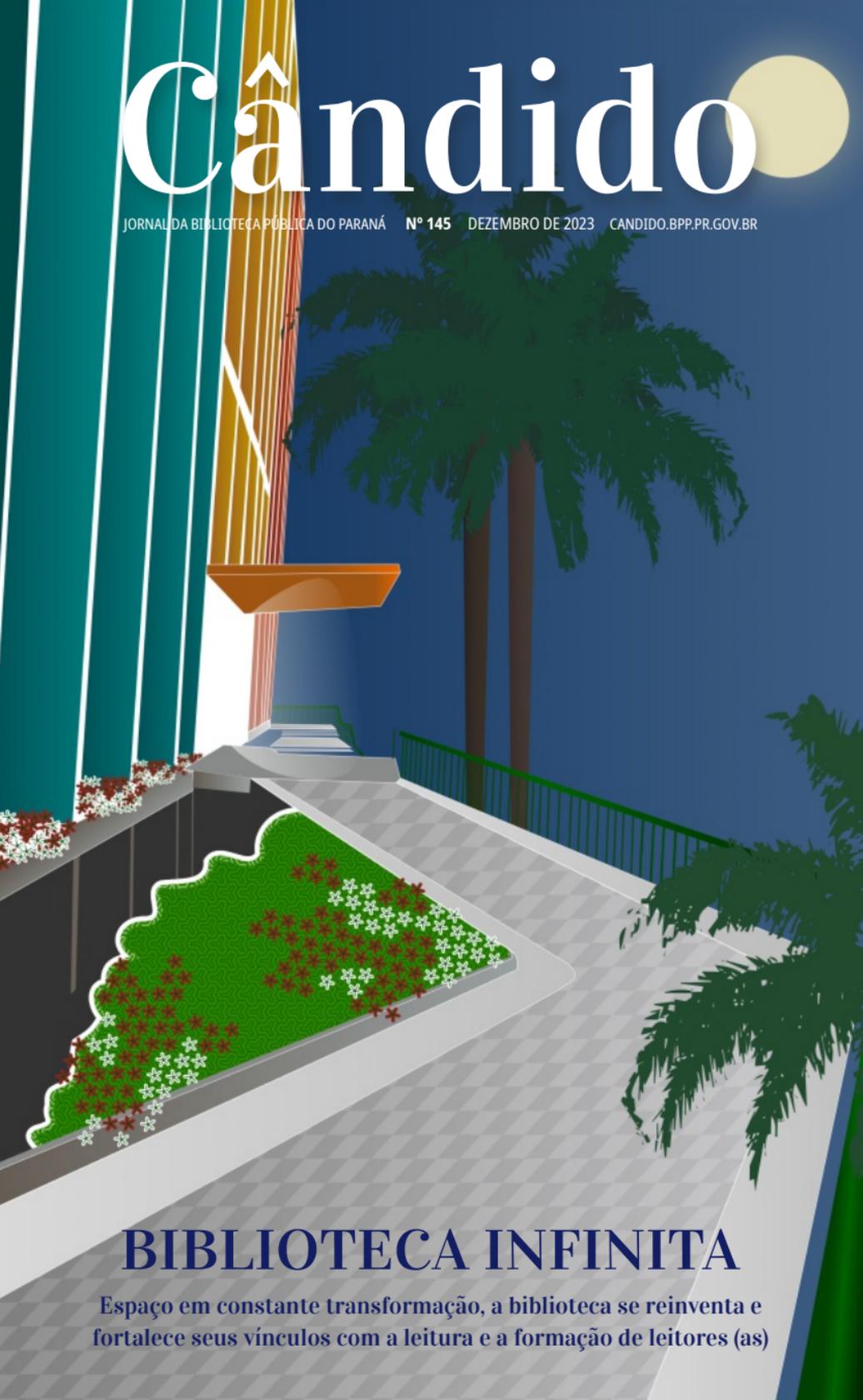


Cândido



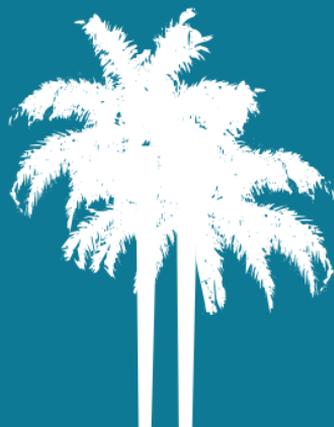
JORNAL DA BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ Nº 145 DEZEMBRO DE 2023 CANDIDO.BPP.PR.GOV.BR

BIBLIOTECA INFINITA

Espaço em constante transformação, a biblioteca se reinventa e fortalece seus vínculos com a leitura e a formação de leitores (as)

Índice

- 3** EDITORIAL
Biblioteca Pública: espaço de memória, movimento e imersão
Luiz Felipe Leprevost
- 8** ESPECIAL
De Alexandria a Pérgamo
Francisco Camolezi
- 17** ESPECIAL
Biblioteca de Babel: formas infinitas de transformação
Leilah Bufrem
por Redação Cândido
- 27** ARTIGO
Você está indo depressa demais
Guilherme Shibata
- 34** MINIENTREVISTA
5x5
Cinco perguntas para cinco autores (as)
- 43** POESIA
Haitiamo e outros poemas
Rei Seely
- 51** ESPECIAL NICOLAU
Sonhos verbais de Dante
Dante Alighieri
Tradução de Aurora F. Bernardini
- 61** FOTOGRAFIA
Não perca seus bonecos
Monique Eveline Grings



Biblioteca Pública: espaço de memória, movimento e imersão

Luiz Felipe Leprevost



BANCA DO BRASIL

A Biblioteca ressignifica o espaço e amplia o livre acesso ao conhecimento e à cultura

A Biblioteca Pública do Paraná exerce um papel social determinante para a formação e inclusão dos indivíduos na cultura, ou melhor, nas culturas. É seu papel, além da disseminação da informação, também a inserção das comunidades ao conhecimento e suas práticas variadas. A partir desse fundamento, temos considerado a intenção de, continuamente, preservar, aprimorar e reinventar esse espaço público tão especial.

Cada cidadão e cidadã que vêm à Biblioteca é participante orgânico e ativo desse processo constante de atualização dos conceitos que alicerçam o nosso trabalho, uma vez que a Biblioteca, embora guarde a memória histórica, porque se faz viva no presente, cria memórias para o amanhã.

Quando entramos no seu espaço, a Biblioteca nos convida para uma imersão no extraordinário. Somos instigados a nos deslocar da nossa vida comezinha, da rotina repetitiva, para experienciar universos diferentes, universos que abundam nas páginas dos livros que transbordam das prateleiras. A Biblioteca Pública do Paraná é uma nave — terrestre, aérea ou subaquática — que nos leva.

Estamos nos referindo então à familiaridade com um acervo imenso, de muita qualidade e diversidade. É preciso garantir o acesso a tudo isso, oferecer ao público a certeza da presença física dos livros, a possibilidade de manipulação tátil, para que crianças em formação e mesmo adultos se tornem e se mantenham leitores.

A Biblioteca Pública do Paraná, entre outras coisas, é uma generalização do livre acesso ao conhecimento.

Os livros, esses objetos transcendentos (como cantou Caetano Veloso), essencialmente se oferecem a uma prática individual de leitura, mas, no fundo, são, se podemos chamar assim, uma tecnologia de uso coletivo. Ainda mais os livros que o destino faz chegar às bibliotecas públicas.

A leitura é, sem dúvida, uma história de encontros.

Sobre os encontros, permitam-me dizer algo singular sobre a prática do empréstimo. O empréstimo é uma ferramenta que deixa o livro comprometido ao retorno. Mesmo que a devolução atrase meses ou anos, tanto o bibliotecário quanto quem emprestou o livro continuam, de algum modo, conectados. Mesmo o livro não devolvido ainda é um elo forte entre aquele que um dia levou o exemplar e a Biblioteca. Uma relação subjacente se mantém.

Com isso, quero dizer que o livro, ao mesmo tempo que nos impulsiona para o futuro, também nos faz sempre retornar. Retornar a ele, retornar a nós mesmos, retornar à história da humanidade e, no caso dos livros emprestados, retornar à Biblioteca.

Muitas vezes trabalho até tarde na minha sala, até um horário em que quase todos já foram embora. É quando consigo escutar um silêncio especial, um silêncio que existe dentro dos silêncios. Acho que vocês já puderam experimentar essa qualidade de quietude. Nessas horas, posso sentir com força o espírito da Biblioteca Pública do Paraná, com os seus 166 anos de existência e seu acervo de mais de 730 mil itens, entre livros, documentos, periódicos e partituras.

E me emociono com sua missão de preservação da memória, incentivo e promoção da leitura e da cultura de modo geral. A sua missão social me sensibiliza, especialmente por se tratar de um espaço para todas e todos, um espaço de liberdade, oferecido gratuitamente.

É uma grande honra e alegria dirigir um aparelho de cultura de suma relevância que, para além de ser uma das mais destacadas bibliotecas públicas do país, também tem cada vez mais se firmado como espaço cultural. E digo, do fundo do coração, que dirigir esse espaço é o mínimo, perto do trabalho exemplar, amoroso e dedicado das bibliotecárias e dos bibliotecários

com quem divido o dia a dia, com nosso quadro de terceirizados e estagiários (e, especialmente, com o nosso público).

Bibliotecários e bibliotecárias são profissionais que atuam na gestão da informação e na mediação do conhecimento. A sua missão é fundamental para a formação da cidadania e da identidade cultural de nossas comunidades. São o coração pulsante das bibliotecas.

É por demais valoroso que exista quem acredite verdadeiramente nessa circularidade. Voltando aos livros estamos sempre nos voltando às pessoas. <

> Prédio histórico da BPP, no centro da cidade de Curitiba



De Alexandria a Pérgamo

Francisco Camolezi

As transformações históricas da biblioteca nos trilhos da formação de leitores (as)

"O UNIVERSO (que outros chamam a biblioteca) compõe-se de um número indefinido, e talvez infinito, de galerias hexagonais, com vastos poços de ventilação no centro, cercados por balaustradas baixíssimas. De qualquer hexágono, veem-se os andares inferiores e superiores: interminavelmente. A distribuição das galerias é invariável. Vinte prateleiras, em cinco longas estantes de cada lado, cobrem todos os lados menos dois; sua altura, que é a dos andares, excede apenas a de um bibliotecário normal". A passagem de Jorge Luis Borges, escritor, poeta e ex-diretor da Biblioteca Nacional da Argentina, tornou-se uma frequente referência para a definição das bibliotecas contemporâneas. Materiais ou virtuais, finitas ou infinitas, Borges entende que bibliotecas são sempre românticas e, como tudo que é parte da vida, desde Alexandria — ou Babel, como no conto de Borges — até as prateleiras de um apartamento apertado no centro de Curitiba, bibliotecas passam por transformações históricas dia após dia.

Nos últimos anos, as bibliotecas públicas assistiram mudanças fundamentais no seu modelo de existência. No contexto da "era digital", surgiram novas dinâmicas voltadas para a formação de leitores que forçaram essas instituições a adaptar seus acervos e estrutura a demandas que, vinte anos atrás, eram pouco visíveis.

Como se não bastassem os desafios provocados por essa nova realidade, a pandemia ainda reflete impactos significativos no acesso universal aos livros promovido pelas bibliotecas. De acordo com a quinta edição da pesquisa "Retratos da Leitura no Brasil", publicada em 2019, em relação à sua penúltima edição, de 2015, o número de leitores no Brasil diminuiu. Em agosto de 2023, o mercado editorial brasileiro registrou uma leve baixa no número de vendas, 2,96%. Por outro lado, na Bienal do Livro do Rio de Janeiro deste ano, al-

gumas editoras registraram um aumento de mais de 100% na venda de livros. A Bienal do Livro de São Paulo, realizada no ano passado, contou com um aumento de 10% no número de visitantes. Há indícios de que esses resultados positivos sejam motivados pelos esforços de movimentos de incentivo à leitura nas redes sociais, como o *Book Tok*, comunidade do *TikTok* voltada à leitura.

O grande impedimento para maiores avanços no campo da leitura é o valor do livro, que, de acordo com o Painel do Varejo do Livro, realizado pelo Nielsen Book e pelo Sindicato Nacional dos Editores de Livro (SNEL) e publicada em agosto, aumentou em 7,75% — chegando a 9,52% no caso dos *best-sellers*. Sobre essa questão, Leilah Bufrem, especialista em Ciências da Informação e professora nos Programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Pernambuco e de Educação da Universidade Federal do Paraná, explica que esses dados não indicam uma defasagem nos serviços bibliotecários, mas uma mudança nos hábitos de leitura.

Leilah acredita que o aumento nos preços não é o suficiente para justificar a diminuição na venda, e muito menos presumir uma diminuição no número de leitores. A variável, diz a professora e pesquisadora, é outra. Os instrumentos da leitura se renovam. Surgem novas tecnologias e, com isso, uma diversidade maior no número de formatos. Para Leilah, é possível que a pandemia tenha direcionado o leitor para os suportes digitais e informais, por exemplo. O território é nebuloso e, por enquanto, não há lugar para certezas. Na retórica, confira a íntegra da entrevista de Leilah Bufrem ao Cândido.

Tendo em vista esse cenário eclético, incerto, como as bibliotecas podem cumprir com seu papel de incentivo à leitura? Neste sentido, a Biblioteca Pública do Paraná, aos 166 anos, reinventa-se. Na batalha contra a diminuição de leitura, realizar empréstimos gratuitos não é o suficiente. O incentivo, agora, precisa ultrapassar o livro. A BPP acompanhou as transições de cada época e atualmente é considerada um dos principais

centros culturais do Paraná, além de uma das maiores bibliotecas públicas do Brasil. Por meio do trabalho de profissionais especializados (as) em seus setores, propõe projetos, atualiza informações, diversifica e amplia o público, lança novas “leituras”. Realizou ao longo de 2023 uma série de ações, firmando-se como um centro cultural, um espaço de criação, de livre acesso, fortalecendo o vínculo da população com o livro, com seu poder transformador na Educação e na Cultura, pilares fundamentais de um país.

➤ **Alice Ywatsugu, chefe da Seção de Filosofia e Religião da BPP**



Circulação de Cultura

Alice Ywatsugu, chefe da Seção de Filosofia e Religião na Biblioteca Pública do Paraná, trabalha na Biblioteca desde 1985. Na BPP, Alice assistiu a profissão transicionar do analógico para o digital. A bibliotecária conta que foi a partir de 1994 que a informática passou a integrar o trabalho na Biblioteca. Na época, todos os livros foram cadastrados e ganharam códigos de barras. Antes, a carteirinha de empréstimo era física e o processo de pesquisa em acervo para encontrar uma citação específica, por exemplo, era manual. Levavam dias. Hoje, basta um *ctrl + f*.

De acordo com Alice, com o advento da internet e as possibilidades de acesso à informação provocadas pela mesma, o número de atendimentos realizados pela Seção de Filosofia e Religião da BPP diminuiu. Antes dos anos 2000, período que coincide com a expansão da internet e demais meios digitais, os usuários chegavam a formar filas para empréstimo e pesquisa, no entanto, "mudou-se o estilo de estudo" e, com isso, menos pessoas passaram a frequentar os corredores da BPP. Alice acredita que a internet é um ótimo suporte de pesquisa, mas, o livro físico, por conta da confiabilidade, ainda é um privilégio. "O livro físico vai desaparecer? Tão cedo, eu acho que não. Eu observo que houve muitas mudanças, mas os leitores ainda gostam do canto da Biblioteca", relata.

Mesmo assim, o cenário é desafiador. Alice percebe que, para além de acervos e empréstimos, as bibliotecas, e especialmente as bibliotecas públicas, precisam se firmar como espaços de circulação de cultura por meio de eventos como feiras, cursos, exposições, sessões de mediação de leitura, contação de histórias e a veiculação de materiais editoriais e gráficos periódicos — como este jornal que vos fala.

A perspectiva é compartilhada por colegas de trabalho. Para Lidiamara Alves da Rosa Gross, chefe da Divisão de Coleções Especiais, o público da Biblioteca mudou. Antes mais reclusos, hoje, a Biblioteca se tornou um lugar convidativo para crianças e adolescentes, um ambiente menos formal e silencioso. Por dia, circu-



► **Lidiamara Alves da Rosa Gross, chefe da Divisão de Coleções Especiais**

lam pela BPP cerca de duas mil pessoas. Esta mudança é vista por Lidiamara com bons olhos, possibilitada pela ampliação do acervo e a criação de salas aconchegantes para os leitores. "Eu acho que a biblioteca tem que se tornar uma referência para a cultura, né? Então, se o leitor não gosta de barulho, ou não quer que fale alto, sempre vai ter uma outra sala".

Quando Lidiamara assumiu a Divisão de Coleções Especiais, em 2011, havia uma enorme placa de silêncio na Seção Infantil. "Parecia um hospital. Mandeí arrancar", conta. "A criança tem que falar, ela tem que se sentir confortável!". Na época, a ação causou burburinho. Uma mãe desafiou Lidiamara: "Você vai tirar a placa? Não vai aguentar a barulheira!". Mais tarde, até o lanche foi liberado na sala da Seção Infantil. Sob críticas de que as crianças estragariam os livros com a sujeira, Lidiamara prontamente responde: "Olha, esse espaço é para a criança. Se ela quer brincar, ela brinca. Se ela quer lanche,

ela lancha". Para ela, o desafio da Infantil é justamente conscientizar a criança para que ela aprenda a cuidar do livro.

Espaços de criação

Leilah Bufrem também acredita na capacidade da Biblioteca de cumprir com o incentivo à leitura por meio da diversificação de seus espaços e acervo. A professora defende que, para atrair novos leitores, as bibliotecas precisam se tornar também espaços de criação em literatura, música, artes cênicas e plásticas; de discussão, por meio de grupos de leitura coletiva, rodas de conversa ou palestras; e de integração, com novas tecnologias e práticas que tornem a leitura atrativa, como a realidade virtual, ludificação e a promoção da acessibilidade por meio do audiolivro e do braille, por exemplo.



Bruno José Leonardi, Chefe da Divisão de Documentação Paranaense, trabalha na Biblioteca Pública do Paraná desde 2011 e acredita que, hoje, a Biblioteca atinge um maior e mais variado público. Bruno atribui esse salto à programação cultural da BPP e à ampliação do acervo. "Eram poucos eventos, mais lançamentos de livros. Atualmente, você vê música na Biblioteca, teatro, filmes, exposições temáticas, campeonatos de xadrez para crianças, para cegos, Uma noite na Biblioteca. Abriu-se espaço para toda a população".

De acordo com Bruno, no decorrer dos anos 2010, de cara nova, reformada, aconchegante e com acesso ao *wi-fi* gratuito, as pessoas voltaram a frequentar a Biblioteca. O período foi responsável por renovar os serviços disponibilizados pela BPP. Para Bruno, a prova disso são os sábados, dias da semana mais frequentados na Biblioteca. Com rodas de samba, sessões de RPG e lançamentos de livros.

A lista dos responsáveis pela reinvenção da Biblioteca é longa. Somada à programação cultural, Bruno cita o *Pergamum*, *software* de acervo digital *online* utilizado pela BPP, que permite consultar a disponibilidade de títulos de forma remota, além de ter um espaço para que o leitor sugira títulos a serem adquiridos pela instituição. "Essa interação direta com o público, como a sugestão de títulos, fez com que pudéssemos diversificar o acervo".

A ampliação culminou na primeira coleção especial da Biblioteca Pública do Paraná em Curitiba, a Estante Afro Maria Águeda, composta por mais de 500 títulos de livros de autoria negra doados pelo Centro Cultural Humaitá, via Kandiero, em parceria com a BPP. Bruno acredita que, por conta dos baixos índices de leitura no Brasil, a Biblioteca tende a soar como um ambiente elitizado e pouco convidativo. Nesse sentido, pensando nela como um espaço popular e democrático, o papel de um acervo atento às problemáticas, por exemplo, de classe, raça, gênero e sexualidade, é simbólico. "Eu acho que a Estante Afro abre portas, dizendo: 'olha, vocês têm lugar aqui'. Aí entra o povo preto, o povo periférico, que passa a perceber sua representação na BPP. A estante é só o início. Com as pessoas se sentindo à

vontade, sabendo que a Biblioteca não é um lugar para apenas uma classe, elas vão passar a participar dos nossos eventos de incentivo à leitura. Para se tornarem leitores, é um pulo", diz Bruno.

De Alexandria a Pérgamo — ou, ao *Pergamum* —, pouca coisa mudou na concepção da Biblioteca. Ainda é algo entre um conjunto de hexágonos ventilados e um cataau de livros de tantas páginas, muitas linhas e incontáveis letras. O fim, na prática, é o mesmo: a leitura. Os meios, no entanto, conversam com o tempo, que, por sua vez, responde gritando. Essa dialética imutável entre cultura, tecnologias e sujeito é a responsável por transformar as estruturas da Biblioteca, seja ela a instituição ou o espaço *romântico-virtual-infinito* que descreve Borges. Por fim, a certeza que transcende a história é uma só: desde o cerco egípcio às tropas de Júlio César, até suas ameaças contemporâneas, a Biblioteca é e sempre será lugar de guerrilha, disposição tática, baderna, amarelinha, pipoca e livro. <

Biblioteca de Babel: formas infinitas de transformação

Leilah Bufrem

por Redação Cândido



Leilah Bufrem analisa o papel das bibliotecas públicas no país e a relação do público com a leitura

Leilah Bufrem é graduada e licenciada em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná, graduada em Biblioteconomia e Documentação pela Universidade Federal do Paraná. Mestre em Educação pela Universidade Federal do Paraná e doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo, pós-doutora pela Universidad Autónoma de Madrid. Fez cursos de Especialização em Ação Cultural pela Universidade de São Paulo, em Cultura Portuguesa pela Universidade de Lisboa, em Métodos e Técnicas de Ensino e em Teoria do Conhecimento pela Universidade Federal do Paraná. Professora Titular aposentada do Curso de Gestão da Informação da Universidade Federal do Paraná, atualmente é professora Permanente na qualidade de Professora Visitante Sênior no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Pernambuco e professora no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná. Presidiu a Comissão Editorial responsável pela criação da Editora da Universidade Federal, da qual foi a primeira diretora. Idealizou, projetou, implantou e coordenou a Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (Brapci). Em conversa com a equipe do Cândido, Leilah explica a diminuição da leitura no Brasil, estabelece conexões com as ferramentas atuais para a formação do público leitor(a), afirma o poder de transformação da leitura pela educação e reforça a função social de um local que garante o acesso à memória, à imaginação, ao senso crítico e à liberdade do pensamento, com sentido de pertencimento de cidadania e o fortalecimento da Cultura de um povo.

Em linhas gerais, o que é uma biblioteca?

A concepção clássica de biblioteca corresponde à expressão genérica “coleção de livros”. Esse conceito abrangente implica especificidades relacionadas a categorias como espaço (onde está situada), tempo (se histórica ou contemporânea), quantidade (grandeza ou abrangência), qualidade (tipo de coleção, especificações relacionadas aos usuários, aos temas e a outros qualificativos possíveis), relação, posição, missão e atividades. As categorias podem ser predicamentos ou relações como as condições públicas ou privadas, gerais ou especiais, indicativas de tipos de coleções ou de temas, usuários ou formas de organização para estudo, leitura ou consulta. Mas o conceito de biblioteca pode ser ampliado e apresentado como parâmetro, também, para os produtos e serviços oferecidos pelas chamadas bibliotecas digitais, relacionando-as às questões de preservação, acessibilidade e legibilidade de documentos eletrônicos, bem como os problemas de disponibilização de recursos informacionais apontando para as novas características que a biblioteca digital deve incorporar.

Uma nova configuração de biblioteca, como espaço híbrido e multiterritorial, que pode assegurar a permanência e imortalidade especialmente das bibliotecas públicas, cujo espaço físico precisa ser transformado em ambiente de colaboração, facilitando a troca e o compartilhamento de informações, respeitando as multiplicidades que envolvem o seu papel e função na sociedade. Assim, a ideia de biblioteca parece aproximar-se da fantástica Biblioteca de Babel, de Jorge Luis Borges, uma ideia fantasmagórica na qual ele usa a imagem da biblioteca como algo fantástico e infinito, mas premonitória: "o UNIVERSO (que outros chamam a Biblioteca) compõe-se de um número indefinido, e talvez infinito, de galerias hexagonais, com vastos poços de ventilação no centro, cercados por balaustradas baixíssimas. De qualquer hexágono, veem-se os andares inferiores e superiores: interminavelmente. A distribuição das galerias é invariável".

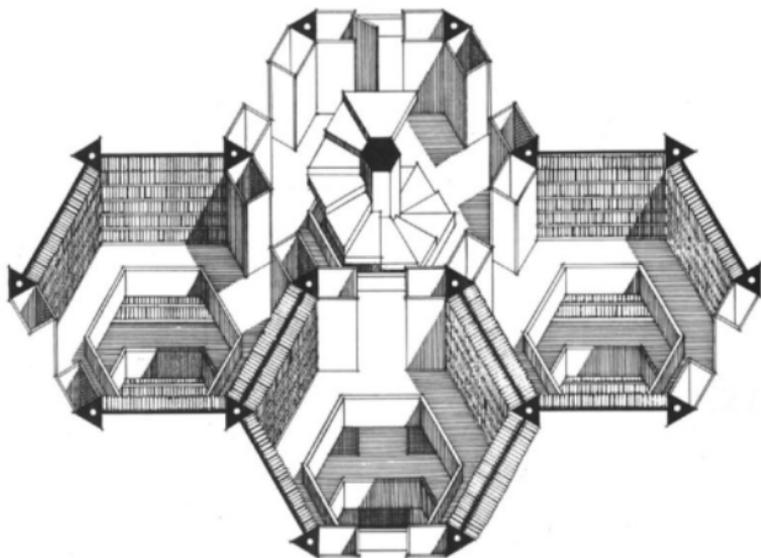
A quinta edição da pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil”, publicada em 2019, demonstra uma queda de 4,6 milhões no número de leitores quando comparada à edição de 2015. Nesse contexto, qual o papel das bibliotecas públicas?

A pesquisa aponta para desafios como a formação do leitor na escola, a falta de estrutura e de bibliotecas nas escolas e de investimento em profissionais de ensino. Um fator crítico é a ausência de bibliotecas em cerca de 60% das escolas brasileiras, além do analfabetismo funcional de quase 40% dos brasileiros maiores de 15 anos. Nessa conjuntura, a responsabilidade para o abrandamento da carência passa a recair sobre as bibliotecas públicas, sejam municipais ou estaduais. Recorro à memória e me vejo na Seção de Referência da Divisão Infanto-juvenil da Biblioteca Pública do Paraná, trabalhando diretamente em prol das respostas às questões dos leitores jovens, quase todos escolares. Desde então, a BPP já realizava o papel e as tarefas pertinentes a uma biblioteca escolar, justamente pelas estruturas precárias ou inexistência de bibliotecas nas escolas. Hoje, o contexto é similar, pois as poucas bibliotecas escolares existentes são quase esquecidas e, diante das demandas cada vez mais concretas e envolvendo exigências tecnológicas competitivas, participam de uma missão entre maior ou menor poder de resolução e de respostas. Se a recorrência à bibliotecária de referência, nos anos 1960 e 1970, resolvia razoavelmente os problemas levantados, hoje, as possibilidades de recorrência ao *chat ChatGPT*, um prodígio de inteligência artificial desenvolvido e lançado em 2022 pela OpenAI, tem uma “vantagem competitiva” sobre os hercúleos trabalhos da bibliotecária ou do bibliotecário: oferece o retorno, ao usuário que, sem a necessidade de ler ou pensar, pode prescindir da análise e interpretação das informações. Esses transformadores generativos pré-treinados fazem parte de um processo de modelização de linguagem abrangente e uma estrutura de inteligência artificial generativa formada por redes neurais artificiais usadas em tarefas de processamento de linguagem natural.

Nesse contexto, qual seria o papel das bibliotecas públicas?

O papel das bibliotecas públicas, portanto, desdobra-se em amplo espectro de práticas, desde as formas clássicas permanentes, cujos sucessos obtidos na história reforçam sua presença hoje, como a própria leitura de livros, a contação e interpretação de histórias, a construção de situações de leitura e outras inovações criativas; passando pela recorrência aos elementos culturais disponíveis ou aos jogos tradicionais renovados e recontextualizados, pelas pesquisas individuais ou coletivas nas bibliotecas, com modos de trabalhar com a comunidade e com serviços a comunidades especiais e minoritárias; até chegar às formas mais sofisticadas de ação transformadora, com acesso a redes e a documentos em qualquer suporte, apoio à navegação em rede, à utilização de meios para a prestação de serviços baseados nas tecnologias da informação. Ou seja, um modo de funcionar como um centro local de serviços de acesso a documentos *online*. Como síntese das práticas possíveis, vale o destaque ao papel social de uma biblioteca pública, com a utilização de mídias digitais de democratização do acesso e a possibilidade de uso da informação, direito básico do cidadão na sociedade.

► De acordo com Jorge Luis Borges, o conceito de biblioteca compõe-se de um número infinito de galerias hexagonais



Se por um lado a pesquisa aponta para a diminuição da leitura, por outro, o uso das redes sociais ganha cada vez mais espaço. Como você vê essa relação?

A diminuição da leitura aparentemente é uma tendência resultante do uso cada vez maior das redes sociais. Essa tendência tornou-se muito evidente durante os anos de pandemia, quando a necessidade nos obrigou a recorrer à condição remota. Aparentemente, isso pode estar ocorrendo, por pensarmos em termos de “leitura tradicional”, em suportes clássicos, livros, revistas e outros documentos impressos, como teses, dissertações, além de tipos diversos de relatórios de trabalhos científicos e, principalmente, de literatura de ficção em seu formato original. Há fatores importantes para essa ocorrência: a atração pelas mídias e uma espécie de afirmação, de um poder pessoal e sedutor, diante do desafio das tecnologias, dos instrumentos e objetos mediadores, transformando nossos hábitos e nos seduzindo, em última análise. Entretanto, essa talvez seja apenas a aparência do fenômeno de diminuição da leitura, pois, sua prática apenas se renova nos modos e instrumentos. Assim, ela permanece ativa, em sua especificidade. Se o livro impresso é objeto de um tipo de uso normalmente denominado “clássico”, o livro e os textos eletrônicos desdobram-se em formatos e práticas diversos, decorrentes do acolhimento das tecnologias mais recentes, até pelos amantes da leitura de literatura, aparentemente os mais resistentes aos meios desenvolvidos pelas transformações nos modos de produção. Seria apenas uma área de transição graças à diversidade de opções nos usos da leitura.

A ascensão de movimentos de leitores e crítica de literatura nas redes sociais (como os *Booktokers*, no *TikTok*, e os *BookTubers*, no *YouTube*), pode ter impulsionado a leitura no Brasil. Para você, as redes sociais podem servir como aliadas da leitura?

As redes podem se tornar aliadas efetivas. Entre 2018, quando da última Bienal do Livro presencial, antes da pandemia e a do ano passado, 2022, a quantidade de

visitantes foi 10% maior. Um estande com um espaço dedicado aos “Sucessos do *TikTok*” já chamava a atenção por divulgar amplamente livros de sucesso expostos na mídia conhecida pelas “dancinhas”. A busca pelo fenômeno dos *Booktokers*, no *TikTok*, uma ferramenta de tendências desta nova “era das recomendações de livros”, fez-me encontrar influenciadores aliados nessa trajetória em ascensão. Além de ditarem tendências, esses influenciadores digitais podem atuar como aliados do mercado editorial e se tornarem *gamechangers*, ou seja, aquele profissional capaz de mudar o jogo dos negócios com suas ideias, nesse caso, em prol das editoras.

Qual é a função social da biblioteca, e de que forma ela pode cumprir com esse papel?

Ao desacatarmos as cinco leis de biblioteconomia criadas pelo indiano Ranganathan e consideradas fundamentais às bibliotecas e à profissão de bibliotecário, percebemos sua pertinência, mesmo ampliando a compreensão do termo livro para outros suportes de leitura, impressos ou digitais:

- 1 – “Os livros são para serem usados” e diríamos mais, para serem lidos, pois são máquinas de ler;
- 2 – “A cada leitor o seu livro”, ou seja, o processo de produção e distribuição dever ser democrático e diversificado;
- 3 – “Para cada livro o seu leitor”. Ou seja, além de democrático, o processo deve prever o encontro do livro pelo leitor;
- 4 – “Poupe o tempo do leitor”, pois além de eficaz, o processo deve ser eficiente.
- 5 – “A biblioteca é um organismo em crescimento”.

Reconhecendo-se a biblioteca pública como “um espaço sociocultural”, portanto aberto e disponível para permitir a construção e o uso de produtos e serviços informacionais no seu contexto de atuação. Assim, considerada, além dos livros, em seu sentido estrito, seu acervo prevê “um universo” amplo de suportes, pa-

ra múltiplos assuntos. Seu papel seria não apenas favorecer a reprodução das relações sociais estabelecidas, mas também de servir como instituição auxiliar na edificação de uma sociedade mais justa e democrática, pelo seu caráter público. Estas bibliotecas não apenas refletem a sociedade em que estão inseridas como podem ocupar papel de relevância em diversos países junto às suas comunidades.

Você poderia citar formas criativas que bibliotecas públicas contemporâneas encontraram para promover a leitura?

Deve-se pensar inicialmente na hipótese de uma solução harmônica, capaz de promover a interação dos usuários com as tecnologias, a literatura de qualquer gênero e a ludicidade. Minha tese propõe a inclusão e a transformação como palavras-chave. Percebo na literatura uma visão pragmática de aperfeiçoamento de instrumentos, práticas, estratégias e defendo a convergência deles para a concretização desse ideal. Mas considero imperioso pensar na biblioteca como espaço educacional, de inclusão e transformação social.

Algumas das mais recentes formas criativas em bibliotecas públicas para promover a leitura incluem: as Bibliotecas Móveis, uma experiência já histórica de unidades móveis para levarem livros a comunidades carentes, escolas, instituições e eventos; os espaços de criação, ou áreas nas bibliotecas dedicadas a atividades lúdicas e criativas, como estúdios de gravação, laboratórios de fabricação digital e espaços para produção de conteúdo, tais como estações de música, salas com livros, computadores ou tablets, rodas de história ou palco para crianças. Os (as) frequentadores (as) vão se apropriando daquilo na medida em que precisam, vão conhecendo e reconhecendo os instrumentos substituídos ou transformados, cuja origem foram as máquinas de leitura, desde cascas de árvores, conchas, rochas, materiais como argila, papiros e pergaminhos; programas de Leitura Virtual, atividades que utilizam tecnologia, como clubes virtuais de leitura, *e-books* e aplicativos interativos de promoção da leitura; eventos cul-

turais e literários, como palestras, debates, performances teatrais e exposições artísticas para atrair diversos públicos; leitura em comunidade, como incentivo à formação de grupos de leitura locais, favorecendo um ambiente social para troca de experiências literárias, desde a participação nas formações de grupos, nos quais são discutidas questões de comunicação, metodologias participativas e mapeamento de parceiros locais; todas as formas de integração com a tecnologia, tais como o uso da realidade virtual, aumentada ou gamificação para tornar a leitura mais envolvente e atrativa, especialmente para crianças e adolescentes. Todas essas iniciativas tornam as bibliotecas mais atraentes, dinâmicas e adaptadas às necessidades e interesses contemporâneos.

Quais são as principais ferramentas para garantir o acesso a pessoas com deficiência?

Reconhecendo-a como um instrumento de inclusão social para a comunidade de deficientes visuais, por exemplo, o audiolivro tem sido citado, pois permite autonomia, agilidade, interatividade e participação ativa dos usuários com as novas tendências informacionais, com questões importantes para o convívio social, proporcionadas pelas tecnologias da informação. Uma pesquisa recente analisou o perfil dos leitores sem deficiência visual, para identificar seu conhecimento sobre as tendências tecnológicas, e lhes apresentar o audiolivro como um meio dinâmico de incentivo ao hábito de leitura. Considerando-se a leitura do referencial consultado, elegem-se algumas condições para cada biblioteca como contar com computadores, situados no espaço para integrar o digital com o analógico, em formato híbrido e profissionais bibliotecários, os quais têm assumido o papel de reprogramar o espaço físico da biblioteca com o apoio da comunidade. A ideia é criar, junto com as equipes disponíveis ou forjadas no contexto de atuação do programa, práticas e projetos pelos quais o uso da tecnologia possa proporcionar o acesso à informação e incentivar outros projetos, numa espécie de desdobramento de facetas. <

Você está indo depressa demais

Guilherme Shibata



No auditório da Biblioteca Pública do Paraná, leio o seguinte trecho de um diálogo para cerca de quarenta pessoas em silêncio:

“— Você está indo depressa demais. Assim, nunca vai entender, tem que ir devagar. — E tinha razão, claro. Se não detivermos o olhar, nunca veremos nada.”

A frase do personagem Auggie Wren ressoa. Repito as palavras dando a devida ênfase. Olhos piscam, indicando que os ouvintes estão pensando — ou imagino que estão. Um parágrafo antes, Paul Auster, personagem narrador desta incrível história chamada *O Conto de Natal de Auggie Wren*, concordou em conhecer o trabalho artístico de um recém-conhecido chamado Auggie, vendedor de uma tabacaria em Manhattan. Este entregou-lhe sete enormes álbuns fotográficos, organizados em ordem cronológica de janeiro a dezembro, e explicou que sua obra consistia em fotografar, do mesmo ângulo, no mesmo horário, todo santo dia, a mesmíssima esquina da cidade de Nova Iorque.

O narrador, cheio de desconfiança e querendo logo se livrar da tarefa, folheia de forma estrangida e desatenta as páginas e páginas de fotografias que mostram sempre a mesma enfadonha cena. É quando Auggie aborda-o com a citada frase: “Você está indo depressa demais...” *Sim, estamos*, pareço ouvir a resposta das pessoas na minha frente. E por isso estamos aqui, para ler enquanto o mundo lá fora caminha em velocidade 2x.

Acelerar a mensagem de voz no *WhatsApp* e os vídeos no *YouTube* talvez seja o sinal mais evidente de como estamos com uma pressa estranha, sem saber exatamente aonde queremos chegar. É óbvio que ninguém precisa apreciar esteticamente a mensagem do vendedor de sofá que, durante cinco minutos, discursa sobre as vantagens de receber o seu produto já impermeabilizado. Mas, sejamos sinceros, depois da primeira acelerada, a dose só aumenta – de 1,25x para 1,5x, e por fim os quase ininteligíveis sons aflitivos do 2x. As-

sistir a vídeos e séries desta maneira é um interessante sintoma de que, afinal, ansiamos apenas por um entretenimento rápido que nos alivie o tédio. Queremos dizer que, sim, assistimos ao último capítulo da novela, maratonamos a série, escutamos o *podcast*, estamos por dentro dos assuntos políticos do Brasil e de todas as guerras do calendário e podemos emitir opiniões válidas sobre tudo isso.

Entretanto, o que reúne aquelas pessoas no auditório da biblioteca (e isso eu perguntei a elas), às 18h de uma segunda-feira, depois de um dia de trabalho, é a oportunidade de uma experiência lenta. Ler na presença e companhia de outras pessoas, encontrar um lugar em que seja possível serenar, discutir e mastigar cada palavra de uma narrativa, cada ideia de um autor, é mergulhar no melhor que a literatura sempre nos deu, a oportunidade de pensar sobre a nossa existência, a nossa vidinha miúda. Um exercício dos mais difíceis que a leitura ficcional nos propõe: deixar de olhar para o próprio umbigo e colocar-se na posição de outro ser humano.

Quando Luiz Felipe Leprevost, o diretor da Biblioteca, pediu que eu ministrasse um curso na casa, sentamos e ficamos um tempo pensando nos modelos existentes de palestras, cursos e clubes de leitura. Chegamos à experiência que é a melhor que já tive como professor e formador de leitores – o “Ler junto”. A ideia é simples. Na verdade, era tão simples que, no início, desconfiávamos que pudesse dar certo. Escolher um conto, projetá-lo em uma tela e ler com as pessoas que se interessassem. A opção pelo conto deu-se por uma sugestão minha, pois eu gostaria que as pessoas saíssem do encontro com aquela excelente sensação de algo concretizado. Para que pessoas à procura de familiarizar-se com a literatura pudessem ter a satisfação de falar “hoje eu li James Joyce, semana passada eu li Cortázar”. Eu argumentava, ainda, que a cidade já tinha vários grupos de leitura e eu não desejava fazer outro igual. E da minha experiência como professor, lendo diariamente com os meus alunos, eu tinha uma crença absoluta, a qual carrego até hoje, de que a experiência de ler um bom texto ficcional é um dos mais inteligentes



► Guilherme Shibata recebe o público do projeto Ler Junto no auditório da BPP

entretenimentos inventados pela humanidade. Nenhuma discussão sobre o conto, ou introdução sobre o autor, pode ser melhor ou ter mais força e dar mais prazer do que a leitura e análise detida da obra em si. Por fim, por tratar-se de um lugar público, eu queria que as pessoas pudessem frequentar os encontros o máximo possível. Ao escolher a forma breve do conto, sabia que poderia ter encontros semanais que não dependessem de leitura prévia ou da presença na semana anterior.

Assim, combinamos de começar com a leitura de oito contos, um por semana. No primeiro encontro, lemos *Felicidade Clandestina*, de Clarice Lispector, e reservamos o confortável Auditório da Biblioteca. O público apareceu em número mais que satisfatório, umas sessenta pessoas. Para a segunda data, preparei *A Cartomante*, de Machado de Assis. Como já imaginávamos, um declínio no comparecimento (afinal, ninguém espera que as pessoas desejem sair de casa para ler), reservamos uma salinha acanhada, para umas dez pessoas.

Nas minhas antecipações de cenários pessimista/realista, eu me via no oitavo encontro junto ao Leprevost, os dois sozinhos lendo o último conto e apagando a luz.

Mas não foi o que aconteceu, você já deve imaginar. Não usamos a salinha acanhada e nos encontramos por trinta e cinco semanas no confortável Auditório (ar-condicionado para os dias frios e quentes do ano de 2023). O projeto ficou em cartaz por duas temporadas, lemos e discutimos grandes autores como: James Joyce, Tchekhov, Conceição Evaristo, Chimamanda Adichie, Tolstói, Milton Hatoum, Poe, Hemingway, Raymond Carver, Kafka, Lucia Berlin, Nelson Rodrigues, entre outros. Nestas noites agradáveis, podíamos conversar sobre algumas peculiaridades técnicas das narrativas. Por exemplo, o comportamento de um narrador, sua visão de mundo, como ele constrói o espaço da narrativa, mas sempre com o intuito de compreender melhor o enredo e as ideias do conto, e não pela técnica em si, como pirotecnia. Entretanto, o mais importante nos encontros e na apresentação dos ficcionistas é refletir como aquelas histórias podem nos ajudar a pensar o mundo contemporâneo, nossas ações e escolhas no cotidiano. Como um personagem de ficção pode nos ajudar a compreender uma rejeição amorosa, nossa relação com os pais, as brigas com um irmão, entre outras relações humanas. Lendo juntos, tivemos a chance conversar sobre o medo da morte, a juventude, a velhice, as escolhas que fazemos na vida e como isso altera toda a experiência do que viveremos. No centro de Curitiba visitamos outros países e culturas, imaginamos a vida de mulheres no século XIX e pudemos examinar as diferenças para as personagens e escritoras mulheres do século XXI.

Um dos grandes desafios de se falar sobre literatura para um público geral, não acadêmico, é justamente conseguir apresentar de forma honesta e interessante os autores e formar leitores que possam aproximar-se e descobrir a grande potência de formação humana da literatura. Sem apelar para facilidades

ou vulgarizações, mas também sem uma sacralização estéril dos grandes nomes, o principal objetivo do projeto é ajudar as pessoas a lerem mais e melhor ficção de qualidade, serem sensibilizadas, tocadas, mudadas, provocadas e confrontadas em suas certezas pelos textos e suas ideias. Acho que conseguimos isso. Nós nos divertimos, demos boas risadas, aprendemos ouvindo os outros, trocamos sorrisos. Criamos um espaço para que as pessoas pudessem desligar-se de seus afazeres diários, dos estímulos insistentes dos *smartphones*, dos anúncios publicitários, das músicas de elevador, dos chamados infinitos de um mundo ruidoso e barulhento.

O Conto de Natal de Auggie Wren foi nossa última leitura do ano e deixou uma forte impressão em mim, e imagino que em todos que estavam lendo comigo. A literatura é exigente, não aceita um leitor distraído. A vida é exigente e cobra caro nossas pequenas e grandes distrações em relação aos outros, ou a nós mesmos. Num mundo diabolicamente configurado para o entretenimento banal, rasteiro, entrar em uma biblioteca e ler é um desafio enorme. Mas é, também, um prazer inigualável. Poder encontrar nos enredos e personagens fiapos de sentido para a nossa humanidade nos traz alguma esperança de que podemos viver de uma forma mais tranquila, ser mais e melhor. Precisamos pensar a nossa existência, a nossa pressa, e para isso, há tempos, inventamos as narrativas, a literatura. E assim, com calma, observando os detalhes de tudo o que pulsa e respira, a gente possa um dia afirmar que “distraídos venceremos”, com o humor e a beleza do poeta. <

5x5

Claudia Lubi

Marcos Ribeiro

Sandra Acosta

Vinicius Oster

Wellington R. Fioruci

O **Cândido** conversou com escritores (as) que lançaram seus livros recentemente na Biblioteca Pública, para saber o que leem, ouvem e indicam como leitura. A seção 5x5 traz curiosidades sobre temas que percorrem a literatura



Francisco Camolezi

Claudia Lubi

Qual seu livro de cabeceira?

A Montanha Mágica, do Thomas Mann.

Qual seu filme favorito?

Prefiro dizer que meu cineasta favorito, tão diversificado e tão genialmente competente, em gêneros tão distintos, é Stanley Kubrick.

Qual livro você gostaria de ter escrito?

Um livro da Clarice Lispector. *A Paixão Segundo G.H.*

Indique um escritor ou escritora que te surpreendeu.

O curitibano Guido Viaro, um romancista com 21 romances publicados. Ele tem uma criatividade notória e um percurso muito bonito no gênero de romance. Colaborou muitíssimo para meu desenvolvimento e elaboração da minha obra *A Vibradora*.

O que é literatura para você?

A literatura pra mim é um alimento, uma possibilidade de desenvolver a imaginação, de nos levar a um outro estágio. Um caminho de criatividade e de aprimoramento em todos os sentidos do conhecimento, da escrita, da leitura. É algo que está presente em todas as dimensões da escrita.

Marcos Ribeiro

Qual seu livro de cabeceira?

Angústia e São Bernardo, do Graciliano Ramos.

Qual seu filme preferido?

Memórias do Cárcere, de Nelson Pereira Santos, adaptado do romance de Graciliano Ramos.



Qual livro você gostaria de ter escrito?

Gostaria de ter escrito *Memórias do Subsolo*, de Fiódor Dostoiévski.

Indique um escritor ou escritora que te surpreendeu.

Uma poeta, atuante, que tem livros novos publicados, Leila Mícolis, da Geração Mimeógrafo.

O que é literatura para você?

É muito trabalho, muito cansaço, rende pouco e você joga muita coisa fora.

Sandra Acosta

Qual seu livro de cabeceira?

Cem Anos de Solidão, de Gabriel García Márquez. Ele faz referência a cultura latino-americana e também ao país de origem do meu pai, que é a Colômbia. Então isso me faz muito próxima desse livro.

Qual seu filme favorito?

Eu gosto de filmes fantasiosos. O que eu sempre menciono é *Peixe Grande*, do Tim Burton. Eu acho que é um filme muito tocante e fala sobre o poder das histórias.

Francisco Camolezi



Qual livro você gostaria de ter escrito?

Eu gostaria de ter escrito a *Tetralogia Napolitana*, da Elena Ferrante. Acho que é uma obra genial, que fala sobre a perspectiva feminina nas relações e sobre amizade entre mulheres.

Indique um escritor ou escritora que te surpreendeu.

Na literatura contemporânea eu gosto muito dos livros da Giovana Madalosso. Ela realmente fala sobre histórias femininas de uma forma muito potente, então os três livros dela são muito bacanas.

O que é literatura para você?

Literatura é a vida; ela é um reflexo de quem somos, do que fazemos e do que queremos. Então, para mim, ela é tudo.

Vinicius Oster

Qual seu livro de cabeceira?

Um livro que eu sempre releio é *O Guardador de Rebanhos*, de Alberto Caeiro, que é o meu livro de cabeceira.

Qual seu filme favorito?

Os filmes que eu mais gosto são os clássicos. Gosto muito da Hollywood antiga.



Anderson Toratto

Qual livro você gostaria de ter escrito?

Eu sou muito apaixonado pela literatura brasileira, principalmente a poesia. Creio que a obra de Carlos Drummond de Andrade, qualquer livro dele. Seria interessantíssimo saber o que passava na cabeça dele na hora da composição.

Indique um escritor ou escritora que te surpreendeu.

Roberto Piva! Ele tem uma escrita que eu gosto e aprecio muito, que é a escrita imagética. Você cria imagens com a poesia. Ele deveria ser muito mais lido e apreciado.

O que é literatura para você?

É minha vida. Acho que eu não consigo separar o que não é literatura na minha vida. Por meio de qualquer fato cotidiano eu transformo ela [a vida], de alguma forma, na literatura.



Wellington R. Fioruci

Qual seu livro de cabeceira?

Têm muitos, mas vou citar um: *Cem Anos de Solidão*, de Gabriel García Márquez.

Qual seu filme favorito?

Vou citar um outro que eu gosto bastante: *Magnólia*, de Paul Thomas Anderson.

Qual livro gostaria de ter escrito?

Talvez *Ficções*, de Jorge Luis Borges. Gosto bastante, acho incrível. Não é meu estilo, mas eu gosto muito, talvez por isso que gostaria de ter escrito.

Indique um escritor ou escritora que te surpreendeu.

Recentemente, Diamela Eltit. Sou professor de literatura, então, li sobre, achei interessante, levei para as minhas aulas, me surpreendeu e aos alunos também.

O que é literatura para você?

Um olhar paradoxal sobre o mundo. Porque você tenta entender questões que estão além da linguagem, mas só tem a linguagem para fazer isso. <

Haitiamo e outros poemas

Rei Seely

Filosopoesia

Nós vivemos num século de raciocínio mentiroso
Cheio de complexo agressivo
Onde a realidade fica ilusória na mente
O medo do outro se apaixona no vazio prejudgado
A ignorância da afirmação do ser fraternal refutado
A alma se perde no infinito concreto
Nos céus dos deuses que riem na luxúria finita
E a satisfação de viver sem morrer
Sob o raio do sol da riqueza.

Tudo é perplexo
A vida na tristeza
A morte na alegria
Morrer não pode ser triste
Porque é a inexistência
Uma existência que percebe
No zoé político que ninguém revê.

O caminho de descartar a loucura da existência
É simples morrer para reviver
Se morrer tem a reencarnação
A realidade é a redenção
Ou seja seu ser reencarnado
É o pecado miserável perpétuo da resistência.

A história nos ensina a sociologia da existência dos
[povos
A geografia limita as superfícies dos territórios
E a filosofia nos joga na loucura da existência para
[resolver problemas.

Filozopwezi

*Nou ap viv nan yon syèk avèk rezon manti
ranpli avèk anpil konplèks agresif
kote reyalite a rete imajinè nan sèvo
Pè lòt la pasyone nan vid prejije
Inyorans afimasyon rekonesans frè ak sè yo refite
Nanm pèdi nan enfini konkrè
Nan syèl bondye yo k'ap ri nan liks fini an
epi satisfaksyon pou nou viv san mouri
anba reyon solèy richès la.*

*Tout se konplèks
lavi nan tristès
lanmò nan lajwa
mouri pa kapab tris
paske nou pa konnen li
yon egzistans ke nou wè
nan zoe politik pyès moun p'ap rewè.*

*Chemen pou jete foli ekzistans lan
li senp mouri pou reviv
si lanmò genyen reyenkanasyon
reyalite a se redanmsyon
oubyen nou se yon èt reyenkane
ki se peche mizerab pèpetyèl rezistans lan.*

*Istwa ansenye nou sosyoloji egzistans pèp yo
Jewografi limite sipèfisi tèritwa yo
epi Filozofi jete nou nan foli egzistans pou rezoud
[pwoblèm yo.*

Haitiamo

Eu me torno
Um objeto nojento
Nos olhos do outro
Na sociedade onde a pele é cérebro
E o abutre toma assalto
Sobre meu corpo negro.

Minha cor não é falha
Então a vida é selo
Rico ou pobre
Branco ou Negro
Estamos no mesmo barco
Sentimos o mesmo frio
Neste mesmo eco ar-dente.

Mesmo se o dia social faz piada
Sobre meus cabelos crespos
Eu controlo meu ego
Porque a noite louca me narra fada.

Beleza ou coisa
Grana é rosa
E o mundo está em over-dose
Temos o mesmo oxigênio
Mas de gênio diferente
O ódio é sempre em nossas veias venenosas
Que alimentam as dores de pena.

Sou negro
Neste espelho social onde meu refúgio
É uma presa racial
Que exalta nas calçadas de Curitiba
Eles nos tratam como escórias
Deste mundo imundo cheio de eleitores fascistas
Que elegem presidente racista
Para sujar minha resistência.

Quem não quer ouvir e ler meus versos de eloquência
A poesia sincroniza com minha vida.

Renmen Ayiti

*Mwen tounen
yon objè repinyan
devan zye lòt la
nan soyete kote koulè po se sèvo
epi enbesil pran daso
sou kò nwè mwen an.*

*Koulè mwen pa yon defo
paske lavi a se yon so
rich oubyen pòv
blan oubyen nwa
nou nan menm bato
nou santi menm fredri
nan menm eko lè cho a.*

*Menmsi jounen an ap fè rizib
sou cheve grenn mwen yo
mwen ap kontwole ego mwen
paske lannwit fòl ap rakonte mwen blag.*

*Bote oubyen choz
lajan se woz
epi mond lan sou dozaj
nou genyen menm oksijèn
men diferan jèn
rayisans toujou nan venn pwazon nou yo ki alimante
doulè pèn yo.*

*Mwen se nèg
nan mirwa sosyal la kote refij mwen an se yon pwa rasyal
ki ap voye sant sou twotwa Curitiba yo trete nou kòm rejè sosyal
nan mond enpwòp sa a plen elektè fasis k'ap eli prezidan rasis
pou sali rezistans mwen.*

*Sila ki pa vle tandè epi li vè elokans mwen yo pwezi
senkwonize avèk lavi mwen.*

Na memória do presidente haitiano Jovenel Moïse que foi assassinado pela Negrocrazia Política Haitiana.

Minha sangue

O tempo quer falar
a alma deve rezar
o sol vai molhar

O amor está escolhendo
a chuva está militando
a tristeza está cantando
o mar vai suar.

A fome está amassando
o vento vai salgar
quando a luz vai iluminando.

Nan memwa prezidan Jovenel Moïse ki te asasine pa sistèm politik Negwokrasi Ayisyèn lan.

San mwen

*Tan an vle pale
nanm dwe priye
sòlèy pral mouye.*

*Lanmou ap triye
lapli ap milite
tristès ap chante
lanmè pral swe.*

*Grangou ap sire
van pral sale
pandan l'ap klete.*

Ontopoesia

Sou negro bem duro
sou feio bem feito.

Sou gordo bem ando
sou magro bem amargo.

Sou homo bem como
o tudo de mim em você.

Ontopwezi

*Mwen nèg byen di
mwen lèd byen fèt.*

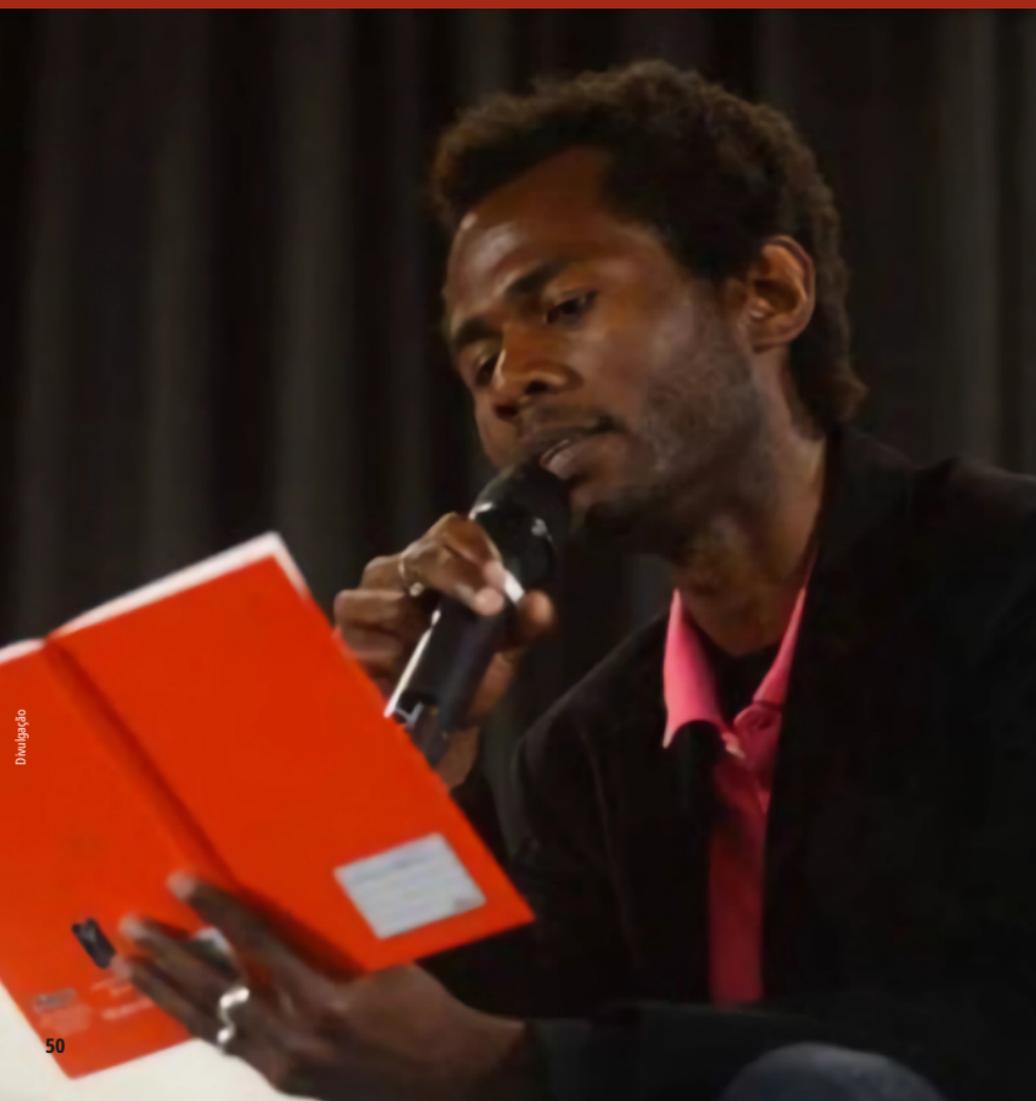
*Mwen gwo byen mwen mache
mwen mèt byen amè.*

*Mwen gwo byen mwen mache mwen mèt byen amè.
Mwen omoseksyèl byen kòman tout mwen nan ou. <*



Rei Seely, poeta, escritor e professor haitiano. Formado em Letras, Filosofia e Gestão Pública. Mestrado em Direitos Humanos e Políticas Públicas (PUCPR). Doutorado em Educação (UFPR).

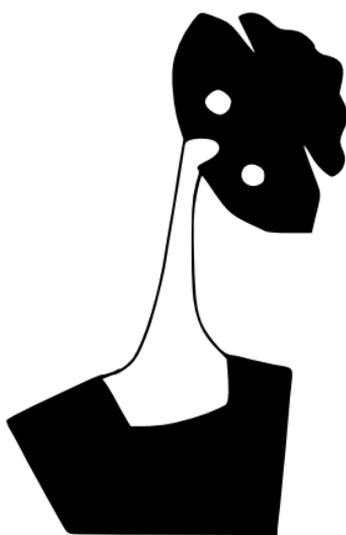
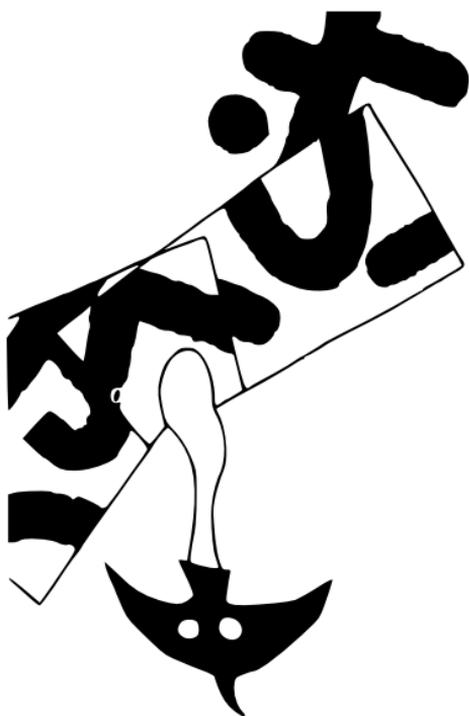
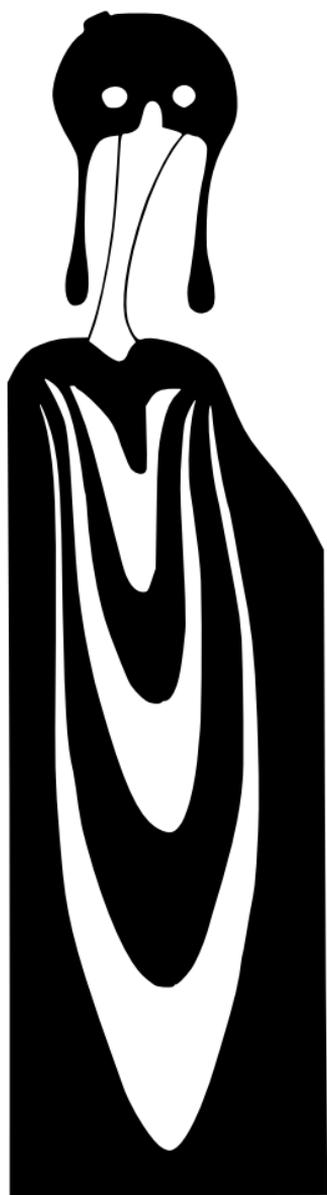
Rei Seely, ayisyen. Poèt, ekriven, pwofesè. Fòmè nan Lèt, Filozofi ak Jesyon Piblik. Metriz Dwa Moun ak Politik Piblik yo (PUCPR). Doktora nan Edikasyon (UFPR).



Sonhos verbais de Dante

Dante Alighieri

Tradução de Aurora F. Bernardini



O **Cândido** seleciona para esta edição de dezembro a tradução de Aurora Bernardini, do escritor italiano Dante Alighieri (1265-1321), publicada originalmente no ano de 1994. Considerado um dos mais importantes escritores humanistas do renascimento literário, sua obra mais conhecida é o poema intitulado “*A Divina Comédia*”.

Aurora Bernardini nasceu na Itália, se formou em Letras pela Universidade de São Paulo, onde fez carreira acadêmica, tornando-se professora titular do Departamento de Letras Orientais. Traduziu grandes autores da literatura universal, como Khlébnikov, Pasternak, Pirandello, Ungaretti, entre outros.

Publicada originalmente no *Nicolau*, suplemento bimestral editado pela Secretaria da Cultura (SEEC).
Março — Abril de 1994, ano VII, número 52

*publicamos todas as edições do **Jornal Nicolau** em sua versão original, inclusive com o acordo ortográfico vigente na época e a biografia dos autores (as).

Obra-prima de efeitos lingüísticos do séc. XII, a escritura de Dante Alighieri — ainda hoje — assusta e fascina.

Aqui, a tradutora Aurora F. Bernardini recria alguns sonhos verbais do mestre italiano

rime dubbie

VIII

- Nulla mi parve mai più crudel cosa
di lei per cui servir la vita [smago],
ché 'l suo desio nel congelato lago
ed in foco d'amore il mio si posa.* 4
- Di così spietata e disdegnosa
la gran bellezza di veder m'appago;
e tanto son del mio tormento vago,
ch'altro piacere a li occhi miei non osa.* 8
- Né quella ch'a veder lo sol si gira,
e 'l non mutato amor mutata serba,
ebbe quant'io già mai fortuna acerba.* 11
- Dunque, Giannin, quando questa superba
convegno amar fin che la vita spira,
alquanto per pietà con me sospira.* 14

rimas dúbias

VIII

- Nada pareceu-me jamais tão cruel cousa
que ela, por quem servir a vida anseio,
pois seu desejo em congelado meio,
e no fogo do amor o meu, se poussa. 4
- De tão desapiedada e desenhosa
tanta beldade vislumbrar sou pago;
e tanto me agrada esse tormento vago,
que outro prazer vir-me aos olhos não ousa. 8
- Nem aquela que a mirar o sol se vire
e que o não mudado amor guarde mudada
jamais teve quant'eu fortuna tão malvada. 11
- Então, Giannino, a esta afetada
consinto amar até que a vida expire,
conquanto que de dó por mim suspire. 14

XI

*Se 'l viso mio a la terra si china
 e di vedervi non si rassicura,
 io vi dico, madonna, che paura
 lo face, che di me si fa regina; 4
 perché la biltà vostra, peregrina
 qua giù fra noi, soverchia mia natura,
 tanto che quando ven per avventura
 vi miro, tutta mia vertù ruina: 8
 sì che la morte, che porto vestita,
 combatte dentro a quel poco valore
 che mi rimane, con piogge di troni. 11
 Allor comincia a pianger dentro al core
 lo spirito vezzoso de la vita
 e dice: "Amore, o perché m'abbandoni?". 14*

XI

*Se meu rosto até o chão se inclina
 e por ver-vos não se reassegura,
 eu vos digo, madona, que à paúra
 o devo, que de mim se faz rainha; 4
 porque vossa beldade, peregrina
 aqui entre nós, sobrepuja a natura
 que eu tenho, tanto, que se porventura
 vos contemplo, toda minha virtude se arruína: 8
 de tal modo que a morte que trago vestida,
 combate dentro daquela pouca valentia
 que me resta, com chuvas e trovões. 11
 Então no coração a chorar principia
 o airoso espírito da vida
 e diz: "Amor, por que longe de mim te pões?". 14*

inferno

Canto V

*E quella a me: "Nessun maggior dolore
che ricordarsi del tempo felice
ne la miseria; e ciò sa 'l tuo dottore. 123
Ma s'a conoscer la prima radice
del nostro amor tu hai cotanto affetto,
dirò come colui che piange e dice. 126*

inferno

Canto V

E ela a mim: "Não há mais forte dor
do que lembrar-se do tempo feliz 123
na miséria; bem sabe disso o teu Doutor.
Mas se em saber a primeira raiz
de nosso amor tu tens tamanho gosto,
farei como quem chorando diz. 126

purgatorio

Canto XXIV

*Né'l dir l'andar, né l'andar lui più lento
facea, ma ragionando andavam forte,
si come nave pinta da buon vento; 3
e l'ombre, che parean cose rimorte,
per le fosse deli occhi ammirazione
tracan di me, di mio vivere accorte. 6*

purgatório

Canto XXIV

Nem o dizer o andar, nem o andar mais lento
o fazia mais raciocinando íamos forte,
tal como nave tangida por bom vento; 3
e as sombras, que pareciam vindas da morte,
pelas fossas dos olhos admiração
tinham por mim, ao ver que eu tinha vivo o porte. 6

paradiso

Canto XXXIII

*Nel suo profondo vidi che s'interna,
legato con amore in un volume,
ciò che per l'universo si squaderna: 87
sustanze e accidenti e lor costume
quasi conflati insieme, per tal modo
che ciò ch'ì dico è un semplice lume. 90*

paraíso

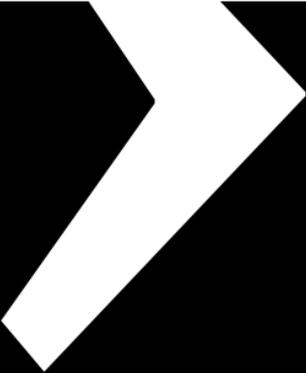
Canto XXXIII

Em seu profundo eu vi como se interna,
ligado com amor em um volume;
aquilo que no universo descaderna: 87
substâncias e acidentes e o costume
quase conflados juntos, de tal modo
que aquilo que eu digo é um simples lume. 90

um olho imenso

Dante, nome afetivo de Durante, nasceu numa casa de pedras na periferia de Florença/Itália, no ano de 1265. Descendente de guelfos da pequena nobreza, a primeira fase de sua formação (75 — 86) — a retórico-gramatical — encerra-se quando casa com Gemma Donatti, com quem teve três filhos. Em 87 esteve em Bolonha, para afinar sua cultura no então célebre Studio. Entre 87 — 90 compôs // *Flore* e *Detto d'Amore* (poemas). De volta a Florença, aprofundou estudos de filosofia frequentando a "escola para religiosos" e "le disputazioni degli filosofanti" em Santa Maria Novella e Santa Croce. Nos anos de 92 e 93 escreveu *Vita Nuova*, onde relata seu amor ideal por Beatrice, que na época tinha 14 anos. Iniciou carreira política no momento em que o papa Bonifácio VIII principiava manobras expansionistas na região de Toscana, e na cidade de Florença o partido dos guelfos, que se opunha aos gibelinos, se dividia em duas facções: a dos "brancos" (por quem Dante simpatizava) e a dos "negros". Apesar dos encargos públicos (fez parte, entre outros, do Conselho dos Cem) e dos reveses financeiros, Dante compôs, entre 96 e 98, as rimas petrosas e outros versos de caráter doutrinário. No ano seguinte participou de uma delegação de governantes florentinos a Roma: no decurso de sua ausência os "negros" tomaram o poder e Dante foi acusado de peculato e favorecimento de interesses particulares e acabou sendo condenado à morte. Começaram aí as peregrinações de exilado por várias cidades italianas. Permaneceu algum tempo em Lucca. É nesse período que compõe *De Vulgari Eloquentia* e *Convivio*, ambos interrompidos pelo nascimento das primeiras linhas da *Commedia*, formada pelo *Inferno* (1304 — 1305), seguido do *Purgatorio* (1308 — 1312). Quando o imperador Arrigo VII esteve na Itália em 1310, Dante o apoiou. A derrota e a repentina morte de Arrigo (1313)

fizeram com que o poeta florentino se refugiasse em Verona, onde escreveu a mais epifânica obra sonhada por um ser humano — e conclusão da *Commedia* —, o *Paradiso*. Voltando de uma viagem a Veneza — onde tinha ido conhecer as gôndolas e aperfeiçoar o texto de alguns poemas — Dante Alighieri contraiu malária e faleceu numa caleça na noite tempestuosa de 14 de setembro do ano de 1321.



AURORA F. BERNARDINI, nascida em Domodossola Novara/Itália, é professora de Russo e Literatura Comparada na USP. Doutora em Língua e Literatura Italiana. Autora, entre outros livros, de *Henrique IV* e *Pirandello* (ensaio). De suas traduções destaca-se *Ka*, de Velimir Khlébnikov. Está traduzindo um romance do pintor italiano Giorgio de Chirico, intitulado *Hibdomero*, com publicação prevista para outubro, pela editora Nova Alexandria. (Ano de 1994)



Não
perca
seus
bo
ne
cos

Monique Eveline Grings

Monique Eveline Grings, 24 anos, é fotógrafa e *videomaker*, formada em Cinema e em Comunicação Organizacional na UTFPR. Conheceu a fotografia em 2018, e desde então se apaixonou por essa área, passando a explorar também o audiovisual. Aprimora os estudos e busca novas referências artísticas a todo momento, porém suas influências principais sempre acabam indo para o mistério, terror e melancolia. Procura a beleza no esquisito, desajustado, assim como grandes fotógrafos e fotógrafas anteriores a sua geração.

Para o **Cândido**, Monique expõe fotografias inéditas do ensaio “Não perca seus bonecos”. A ideia surgiu ao encontrar algumas bonecas enquanto limpava um terreno em Mandirituba (PR), sua cidade natal. Desde então, passou a fotografar e imaginar histórias para brinquedos e estátuas perdidas por aí. ◀















EXPEDIENTE

Governador do Estado do Paraná

Carlos Massa Ratinho Junior

Secretária da Cultura do Estado do Paraná

Luciana Casagrande Pereira Ferreira

Diretor da Biblioteca Pública do Paraná

Luiz Felipe Leprevost

Editora

Marianna Camargo

Redação

Luiz Felipe Cunha

Pesquisa e Produção

Maria Beatriz Peres

Valéria Bittencourt

Estagiário

Francisco Camolezi

Design Gráfico

Rita Solieri

Diagramação

Junior Milek

Colaboradores desta edição

Anderson Tozato

Aurora Bernardini

Carlos Dala Stella

Guilherme Shibata

Kraw Penas

Monique Eveline Grings

Rei Seely

Ilustração de capa

Junior Milek



Cândido

imprensa@bpp.pr.gov.br

candido.bpp.pr.com.br

[instagram.com/candidobpp](https://www.instagram.com/candidobpp)



BIBLIOTECA
PÚBLICA
DO PARANÁ



PARANÁ 
GOVERNO DO ESTADO
SECRETARIA DA CULTURA